

# MANIFESTO



© Canacala.v

**Jovens Vozes  
da Amazônia  
para o Planeta**



# **ÍNDICE**

## **03 O QUE É E POR QUE FIZEMOS ESTE MANIFESTO**

### **05 MANIFESTO**

**07 Identidade**

**10 Autonomia**

**13 Comunicação**

**16 Natureza**

**21 Planeta**

**25 Urbana**

**28 Saúde**

**30 Educação**

**34 Cosmovisões**

**36 Planejamento**

**38 Política**

**40 Autogoverno**

**42 Respeito**

**45 Bem viver**

## **48 COMO ESTE MANIFESTO FOI CRIADO**

## **52 OS COLETIVOS**

## **54 EXPEDIENTE**

# O QUE É E POR QUE FIZEMOS ESTE MANIFESTO

**N**ós, as juventudes amazônicas, que vivenciamos a sociobiodiversidade da Amazônia, com seus diversos povos, culturas, territórios e natureza, nos levantamos e nos mobilizamos pelo seu presente e futuro, assim como da humanidade. Todo o território amazônico atravessa uma fase difícil e as projeções não indicam melhoras, caso ações concretas e eficazes não sejam tomadas. A exploração econômica desenfreada resultante de interesses políticos escusos, não leva em conta o futuro, isso porque está baseada em uma racionalidade imediatista e egoísta, sem compromisso com as pessoas, as comunidades e a natureza. Também não considera a multiplicidade cultural e social dos povos que aqui habitam. Os governos, o setor privado e a sociedade em geral devem se comprometer com a defesa da Floresta Amazônica e de seus povos, que possuem conhecimentos capazes de gerar desenvolvimento desde um sentido mais amplo, sem destruir a natureza e garantindo justiça social e ambiental.

Este manifesto visa apresentar ao mundo as bases que acreditamos ser essenciais para o futuro de todos que dependem da sociobiodiversidade deste bioma. Inspirando-se nos rios da Amazônia,





que ganham volume e forma ao longo do percurso, o manifesto é um documento vivo, dinâmico e adaptativo. Reconhecemos que toda forma de conhecimento, de ver o mundo, de encarar os desafios e propor soluções está em transformação através do acúmulo de experiências, reflexões e diálogos. Por isso, o manifesto estará sempre aberto a ser revisto e enriquecido. Da mesma forma, também estará disponível para que mais jovens, coletivos e organizações possam se engajar em seus desdobramentos e tornar esses sonhos colaborativos maiores e mais próximos de suas concretizações. Antes de mergulhar no conteúdo deste documento – construído a muitas mãos da juventude da Pan-Amazônia –, convidamos você a conhecer os objetivos a serem alcançados através do Manifesto Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta:

■ **Promover as vozes da juventude e da vida na Amazônia no mundo**, levando

em consideração seus anseios, suas cosmovisões, ancestralidades e diferentes formas de se relacionar com a natureza;

■ **Fomentar o debate público e impactar formadores de opinião e toda a sociedade**

sobre a relevância da sociobiodiversidade presente nos territórios para a conservação da Amazônia e conseqüentemente de todo o planeta, levando em conta a autonomia e a dignidade das populações locais;

■ **Incidir no desenho de políticas públicas adequadas** para que sejam

efetivas e contextualizadas a partir dos anseios das populações locais da região, fortalecendo a participação da juventude nos espaços de governança;

■ **Ampliar o engajamento das juventudes amazônicas e coletivos de jovens** através da construção de uma agenda comum na defesa da Floresta Amazônica e de seus povos;

■ **Contribuir para o amadurecimento da democracia** por meio do fortalecimento da sociedade civil organizada, da reivindicação pela autonomia e autogoverno dos povos indígenas e comunidades locais e da exigência pela consulta prévia, livre e informada.



# MANIFESTO

## SOCIOBIODIVERSIDADE, AUTONOMIA E DIGNIDADE

**N**ós, jovens amazônidas, criadores do movimento Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta - JVAP, buscamos, a partir deste manifesto, demonstrar nosso comprometimento na luta pela manutenção e valorização da sociobiodiversidade presente em nossa região e de tanta importância para todo o mundo. Enquanto viventes e moradores da Amazônia, consideramos sermos legítimos protagonistas em sua defesa. Vivenciamos a Amazônia não como uma redoma de preservação ambiental ou fronteira econômica a ser explorada, mas como um espaço reconhecido de sociabilidades e visões de mundo ancestrais e contemporâneas. Enfim, um ambiente cheio de vidas, que inclui as nossas e as de todos os povos e seres da floresta.



Como preceitos básicos que guia nossas ações e anseios, consideramos a urgência das populações amazônicas terem respeitado seu direito a autonomia e dignidade e assumirem o papel de protagonistas nas discussões e tomadas de decisão que promovam a manutenção e a valorização da sociobiodiversidade pan-amazônica. Nesse caso, reputamos autonomia como a condição de indivíduos, grupos, povos, comunidades e etnias terem o poder de decidir seu próprio destino, livres de amarras materiais e/ou sociais, e que se liga ao conceito de dignidade, por meio do qual nós precisamos, enquanto indivíduos e grupos, ter as condições materiais, sociais, ambientais, culturais, religiosas, jurídicas e de identidade minimamente asseguradas para exercermos um poder de escolha livre e bem informada.

Assim, vimos por meio deste manifesto nos comprometer na luta por uma sociedade mais democrática e justa, em que a vida plena e o bem viver sejam possíveis para todes, todas e todos. Para tanto, priorizamos autonomia e a dignidade de gentes e povos como as principais ferramentas para a defesa da sociobiodiversidade da nossa região.

**Nós, jovens e entidades abaixo-assinados, nos empenhamos nessa luta a partir da defesa das 14 propostas elencadas a seguir.**

**Para tanto,  
priorizamos  
autonomia  
e a dignidade  
de gentes e  
povos como as  
principais  
ferramentas  
para a defesa da  
sociobiodiversidade  
da nossa região**



# Desenvolvimento sustentável com autonomia e soberania alimentar

**É** urgente. Precisamos avançar na conquista de uma vida digna para todos os seres, não importam suas origens. Os povos da floresta lutam porque querem viver com dignidade e autonomia, de acordo com seus costumes e modo de vida. É direito de todos eles. E isso só é possível com terras demarcadas e protegidas, livres de invasores, madeireiros, fazendeiros e caçadores ilegais e de perseguições políticas. Essa luta, que tem sido travada há séculos, é parte da resistência de povos originários e tradicionais, e daqueles que se recusam a sucumbir a uma lógica econômica que adoce a vida na floresta, nas periferias de centros urbanos e em áreas rurais.

Nesse sentido, é fundamental honrar e respeitar o modo de viver dos povos da floresta, o que implica garantir sua autonomia e soberania alimentar.

A autonomia dos povos permite o desenvolvimento da liberdade, liderança, independência e protagonismo. Entendemos autonomia como a capacidade de gerir ações dentro de seus territórios,



de terem seus lugares de fala respeitados e legitimados, além do respeito e legitimação de suas pretensões e ações. Destacamos o direito de escolher o que é melhor para a vida individual, coletiva e em harmonia com a natureza. É também uma ferramenta política que garante o direito de reivindicação de melhorias para os povos indígenas e não indígenas que moram e vivem das florestas.

É direito desses povos se perpetuarem em seus territórios ancestrais, terem seus próprios insumos, alimentos e produções, assim como elementos de diversidade cultural e característicos do modo de vida que garantem soberania e segurança alimentar dentro do seu território. Em suma, é o direito desses povos à defesa e à valorização da sociobiodiversidade.

Para os indígenas e comunidades da floresta, a soberania alimentar consiste na capacidade de cada povo decidir que tipo de alimentos produzir – como, quando, quanto cultivar – e definir suas próprias políticas agrícolas e alimentares, de acordo com os objetivos de desenvolvimento sustentável e garantir segurança alimentar para cada nação, povo e etnia. Também, é seu direito, e vantajoso à economia local e regional, vender o excedente de sua produção a valor justo.

O abastecimento de alimentos nas cidades amazônicas deve seguir princípios de justiça e sustentabilidade de maneira a valorizar a produção e a sociobiodiversidade local através de sistemas agroflorestais e do extrativismo. A produção e extração de alimentos, que respeitem a natureza, geram recursos para

**Valorizar nossa sociobiodiversidade também é uma forma de aprender com a natureza e com os povos tradicionais os caminhos possíveis para um futuro mais justo e sustentável**



as aldeias, comunidades e para a zona urbana e permite – e isso é importante ser mostrado às instâncias governamentais – que os produtores trabalhem com dignidade, conservando a floresta, sem o uso de agrotóxicos, e contribuindo para a saúde das pessoas e dos demais seres da floresta.

Cabe a esse povo determinar de que maneira pretende realizar seu cultivo. A tecnologia moderna não deve ser vista como antagônica à ancestralidade, desde que utilizada com respeito às visões de mundo local e com a finalidade de melhorar a vida das pessoas.

Valorizar nossa sociobiodiversidade também é uma forma de aprender com a natureza e com os povos tradicionais os caminhos possíveis para um futuro mais justo e sustentável. Faz parte da nossa cultura que as famílias tenham o seu próprio roçado, com diversos alimentos, como mandioca e milho, cultivados de forma doméstica, somando-se àqueles extraídos de maneira sustentável da natureza, como açaí, bacaba, patauá, entre outros.

**O desenvolvimento sustentável na Amazônia só é possível com autonomia e segurança alimentar dos povos que ali vivem.**

É um conceito que se materializa em uma boa vida, com produção alimentar abundante, trabalho de qualidade e bem remunerado, direitos trabalhistas garantidos e suficientes, moradia segura e água limpa e tratada. Ou seja, é a combinação da melhoria de nossa condição social mantendo o respeito à natureza.

# Identidade sociocultural da Amazônia em prol da sociobiodiversidade

**P**ensar em sociobiodiversidade é refletir não só sobre as diversas formas de vida, mas também sobre ancestralidade, desenvolvimento econômico e ambiental de um povo e de uma região. Mais do que criação, plantio e manejo de um recurso natural que pode ser visto como um produto, a sociobiodiversidade está ligada à forma de vida integrada ao território e a como nossos povos sempre viveram de maneira consciente, produtiva, justa e livre de exploração exagerada dos recursos naturais.

A Amazônia é muito mais que um bioma admirado por todos por sua rica biodiversidade. É lugar repleto de identidades sociais e culturais que, no entanto, ainda carregam diversos estereótipos negativos, como se aqui vivessem pessoas selvagens, sem acesso à tecnologia e educação. No resto do mundo e em outras regiões dos países amazônicos, os amazônidas são vistos como "índios", termo pejorativo direcionado aos povos indígenas, que são os primeiros seres humanos das terras em que pisamos.

Tampouco é uma região apenas de queimadas, desmatamento, destruição da fauna, exploração madeireira, pecuária,



Identidade



mineração... Nela vivem PESSOAS que exigem o reconhecimento de sua autonomia e dignidade. Ou seja, a

**sociobiodiversidade compreende valores**

**culturais, já que pode ser considerada**

**a interação de povos tradicionais com**

**os recursos naturais e seus usos, sabedoria**

**passada de geração em geração**

**e valorização da floresta em pé.**

Além disso, a identidade da Amazônia não é só formada por povos indígenas, mas também construída pela cultura dos povos negros, escravizados de outrora, e migrantes de várias regiões do mundo e do próprio subcontinente.

É necessário que se tenha uma visão macro do que é a Amazônia, e reconhecer e valorizar o lugar de fala das pessoas que moram nela.

Não podemos esquecer que as ações desenfreadas dos seres humanos estão acabando com as condições de vida neste bioma. Hoje, vivemos em uma região rica e pobre ao mesmo tempo. Travamos uma batalha constante entre a conservação e as ações antrópicas descontroladas para "o progresso". É preciso reconhecer as relações de longa data, de milhares de anos, entre as comunidades e o meio ambiente neste território. Por isso é importante entender que o elemento social e cultural está profundamente relacionado às condições da natureza. Assim, as diferentes expressões dos grupos podem ajudar na compreensão

**Nossas  
identidades  
socioculturais  
reafirmam nosso  
anseio e luta  
manifesta pela  
dignidade e  
autonomia da  
nossa população  
em defesa e pela  
valorização de nossa  
sociobiodiversidade**

do espaço amazônico a partir de lógicas alternativas à capitalista ocidental.

Destas terras e águas se tira o sustento, se obtém a vida e os mais variados recursos que constituem a sociobiodiversidade. O açaí, consumido em todo lugar, é fruto de nossas terras. Quantos sabem disso? É preciso expandir o olhar sobre a região para que se possa vê-la não apenas como lugar de belezas naturais e exploração desenfreada, mas como território de produção, de vida humana e de existência heterogênea.

É necessário entender que aqui há os mais variados povos, uma mistura colorida que nos une. No entanto, essa mescla, durante muito tempo, tem sido apagada pelo imaginário coletivo, que acredita na homogeneidade amazônica, desconsiderando toda a sua miríade de cores, cheiros, sabores.

Assim, nossas identidades socioculturais reafirmam nosso anseio e luta manifesta pela dignidade e autonomia da nossa população em defesa e pela valorização de nossa sociobiodiversidade.



# Fomento à comunicação e ao conhecimento tradicional e científico

**N**ós, jovens da Amazônia, reconhecemos o papel fundamental da comunicação e da divulgação científica sobre nossos conhecimentos tradicionais como uma ferramenta-chave para informar o potencial que aqui temos, fortalecer e valorizar nossa cultura. Pontuamos, também, que a legitimidade para comunicar nossas necessidades e desafios parte do nosso local de fala. Não pedimos que nos deem voz, pois ela já é nossa por direito. Precisamos apenas que espaços se abram para ouvi-la, que ouvidos e mentes estejam atentos para o que temos a dizer.

A comunicação na Amazônia se dá por diversos meios. Utilizamos as rádios, especialmente nas comunidades afastadas de centros urbanos, como nas áreas rurais, ribeirinhas, indígenas e fronteiriças. A partir delas é que comunidades, familiares e amigos comunicam chegadas e partidas, órbitos, problemas de saúde, festas, rezas, campeonatos de futebol, missas, embarcações, reuniões de sindicato e outros acontecimentos. Por isso, nenhum meio de comunicação deve ficar à mercê de oligarquias políticas,



comunicação

como acontece com muitas rádios. Quem detém o controle do meio de comunicação pode impor tendências e controlar a informação. Nesse sentido, propomos a facilitação e o incentivo à criação de rádios comunitárias e associativas na região.

Enfatizamos a importância do acesso à internet e à rede de celular na região, neste momento ainda precários. Exigimos infraestrutura adequada para que nosso direito de acesso à comunicação seja validado. Ao nos negar o básico, sofreremos consequências como indisponibilidade de meios para realizar denúncias de injustiças e crimes e, até mesmo, demandas por acesso à saúde. Com a pandemia de Covid-19, a disparidade da Amazônia em relação às outras regiões dos países pan-amazônicos tornou-se ainda mais visível. O acesso à educação remota (via internet) é um exemplo disso. Quantas famílias de comunidades afastadas (ribeirinhas, quilombolas, extrativistas, pesqueiras) têm acesso a rede de internet e a equipamentos eletrônicos? É justo que essas crianças e jovens sejam excluídos da educação por conta da falta de acesso à comunicação?

**Além da necessidade de infraestrutura, também é preciso que as comunidades sejam preparadas para o processo de inclusão comunicacional, tanto para o uso adequado e avançado dos equipamentos quanto para distinguir as informações idôneas e as *fakenews* disseminadas pela internet.**

**As comunidades precisam ser preparadas para o processo de inclusão comunicacional, tanto para o uso adequado dos equipamentos quanto para distinguir as informações idôneas e as *fakenews***



Nós, jovens engajados na comunicação alternativa, comunitária e popular, somos produtores de conteúdo em formato, linguagem e contextos apropriados ao público da Amazônia. Precisamos que essas formas de comunicação sejam fortalecidas e articuladas para que concretizem seu potencial de gerar conhecimentos e atitudes a partir da reflexão sobre a realidade regional para a população local. Para isso, estratégias devem ser traçadas para o bom uso de equipamentos portáteis como celular e notebook a fim de serem ferramentas de registro, articulação e promoção cultural, fortalecendo assim nossa luta por autonomia e dignidade.

# Conservação da natureza

**P**ara que tenhamos um futuro sustentável, justo e de bem-estar físico e social, é fundamental mudar a forma como vivemos no século 21. Isso implica grandes transformações na maneira como a sociedade se relaciona, se organiza e atua no mundo e se relaciona com a natureza. Acreditamos que é preciso considerar o valor da Vida pela própria Vida e reconhecer a interconectividade entre o ser humano, a sociedade e a Vida em seu mais amplo sentido. Se desejamos e queremos saúde, bem-estar, qualidade de água, equilíbrio climático e segurança alimentar para todos, incluindo os povos da Amazônia, é necessário investir na conservação e valorização da sociobiodiversidade e na manutenção das contribuições da natureza para as pessoas. A busca pela conservação ambiental se dá tanto em apoio às políticas públicas, como as que mantêm áreas protegidas e conservadas, quanto às instituições, inúmeras organizações não governamentais (ONGs) ambientalistas, associações e coletivos de base que agem nos territórios.

Além disso, para fortalecer, reconhecer e valorizar o movimento de conservação, é fundamental investir em educação e em comunicação para que as pessoas das cidades e de fora da Amazônia compreendam o que significa a conservação do nosso bioma para





suas vidas e das gerações futuras e tornem-se apoiadoras ativas dessa causa. Compreendam do ponto de vista ecológico, econômico, cultural, social, climático, jurídico, político e ético, não só o que significa conservação da sociobiodiversidade, mas como se pode apoiá-la. Também, entendam quais são as diferentes estratégias já existentes, que precisam ser fortalecidas, e quais novas soluções e caminhos, que precisam ser debatidos e criados para que a floresta e as águas permaneçam como fonte de Vida e retomem seu valor e papel protagonista na história, na cultura e na simbologia humana.

É necessário, ainda, reconhecer e apoiar o protagonismo dos povos indígenas e das comunidades locais e tradicionais na conservação da biodiversidade e manutenção das contribuições da natureza às pessoas. A garantia de direitos territoriais e o acesso às políticas públicas de qualidade e adequadas às culturas locais são importantes estratégias para conservação da natureza e dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Os Ticca (Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais) devem ser reconhecidos e valorizados por seu papel e, dessa forma, promover de maneira ampla a institucionalidade e proteção desses territórios de vida.

Mecanismos regionais de conservação da Amazônia, como o Tratado de Cooperação Amazônica\* e o Pacto de Leticia\*\*, precisam ser mais bem operacionalizados, com ações e metas desenvolvidas e implementadas de maneira participativa. A sociedade em geral deve se apropriar desses mecanismos como ferramentas

**Apoiamos preceitos democráticos para que as populações amazônicas tenham sua dignidade e autonomia reconhecidas**

de luta, e os governos, se comprometerem com sua implantação efetiva e equitativa.

Apoiamos, por isso, preceitos democráticos para que as populações amazônidas tenham sua dignidade e autonomia reconhecidas, defendendo e valorizando assim a sociobiodiversidade. E, assim, agir pela conservação ambiental, que se mostra como um dos pilares básicos de futuro de nossa região.

Se falamos de conservação como prioridade, é porque a região se encontra, desde sempre, premida por pressões e ameaças diversas. As pressões ambientais, principalmente, já vêm de longa data, com as atividades de mineração (legais e ilegais), desmatamento, extração petroleira e madeireira, expansão da fronteira agrícola, entre outras. Tudo isso representa sérios impactos socioambientais, já que a destruição das florestas e a contaminação dos rios afetam a vida dos povos indígenas e comunidades tradicionais.

O modelo capitalista atual não é sustentável em relação aos recursos que provêm da Amazônia. Esse sistema impulsiona a devastação da Amazônia e se estabeleceu diante dos olhos dos governos nacionais. E, o pior: nada disso traz benefícios reais aos povos que vivem no território.

A Usina Hidrelétrica de Belo Monte é um exemplo de escolha de atividade e empreendimento que privilegia o benefício econômico de alguns em detrimento do equilíbrio ecossistêmico e da



sociobiodiversidade de muitos. A usina produz impactos profundos sobre o pulso natural de inundação do rio Xingu; expulsou moradores da calha do rio e dos igarapés; alterou a dinâmica de reprodução de peixes; e impactou toda a área alagável do Xingu, gerando fome e desequilíbrio ecológico, climático e social. A quantidade de energia gerada por essa usina não justifica o impacto que esse empreendimento produziu em uma floresta que, antes da hidrelétrica, apresentava altos níveis de sanidade ambiental. Sem que os povos da floresta sejam consultados e sem que haja profunda compreensão por parte das populações urbanas e de outras regiões externas à Amazônia, esse tipo de empreendimento seguirá sendo constante, e, conseqüentemente, danoso à floresta, à biodiversidade, às pessoas e ao clima do planeta.

As atividades extrativistas predatórias e as políticas inadequadas voltadas aos povos amazônicos têm aumentado, a despeito da opinião dos povos indígenas e tradicionais, criando uma forte deterioração no tecido social. Praticamente todas as áreas desmatadas na Amazônia já passaram por conflitos violentos causados pela ocupação dos espaços tradicionais. Por conta dos conflitos, os jovens acabam por se deslocar para as cidades com a esperança de uma vida melhor, mas acabam enfrentando situações de pobreza. **Nós, jovens**

**amazônidas, reivindicamos a realização de consulta prévia, livre e informada na Amazônia para os processos de decisão sobre titulação e usos da terra, de acordo com o marco legal que nos assiste, para garantir a sobrevivência das culturas, hábitos e territórios amazônicos.**

**O modelo  
capitalista atual  
não é sustentável  
em relação  
aos recursos  
que provêm da  
Amazônia**

Precisamos de apoio amplo da sociedade para ter condições de decidir os caminhos e rumos de desenvolvimento que desejamos e identificamos como adequados aos nossos territórios. Queremos ter autonomia para dizer não a atividades como o garimpo, grandes empreendimentos e desmatamento, que contaminam nossos rios e igarapés e produzem violência e assassinato de moradores da floresta. Os modelos de desenvolvimento para a Amazônia devem ser construídos com e para os amazônidas. E os jovens são parte fundamental dessa construção. Devemos ser consultados, escutados e respeitados. Desejamos criar nossos próprios futuros, em que cultura, pessoas, bem-estar, biodiversidade, saúde, autonomia política, qualidade educacional, desenvolvimento econômico e floresta de pé vivam juntos e em harmonia.

**Os modelos de desenvolvimento para a Amazônia devem ser construídos com os amazônidas**

\*Tratado de Cooperação Amazônica - Assinado em Brasília, em 1978, por oito países amazônicos (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela). É um instrumento jurídico que visa à promoção do desenvolvimento harmonioso e integrado da bacia, como base de sustentação de um modelo de complementação econômica regional que contemple melhorias na qualidade de vida de seus habitantes e a conservação e utilização racional de seus recursos.

\*\*Pacto de Leticia - Reunião ocorrida na cidade de Leticia (na Colômbia), com a participação de chefes de estado dos sete países, exceto Venezuela (não convidada), durante a qual foi assinada uma lista com 16 pontos a serem considerados pela conservação da sociobiodiversidade amazônica.



# Valorização da importância da Amazônia para o planeta

**V**ivemos na região mais biodiversa do mundo e somos conscientes de sua importância, não apenas para nós amazônidas, mas para todo o globo.

A Amazônia é um dos maiores abrigos de biodiversidade do mundo, com alto grau de endemismo. Sendo, assim, é fundamental para o equilíbrio natural do Planeta. A floresta abriga quase 25% de todas as espécies de seres vivos da Terra, sendo 40 mil de plantas; mais de 400 de mamíferos; 1.300 de pássaros; e mais de 3 mil de peixes. É a maior bacia hidrográfica do mundo, com mais de 25 mil quilômetros de rios navegáveis. Apenas o Rio Amazonas despeja 17 bilhões de toneladas de água por dia no mar, o que corresponde a 20% de todo o volume de água doce que chega aos oceanos. A cada dia, a floresta coloca na atmosfera uma quantidade de vapor de água que influencia diretamente o clima e garante as chuvas para o quadrilátero delimitado por Cuiabá, ao norte; São Paulo, a leste; Buenos Aires, ao sul; e a Cordilheira dos Andes, a oeste, área que concentra 70% do PIB (Produto Interno Bruto) da América do Sul. Além de toda a biodiversidade, os



povos tradicionais e guardiões da Floresta Amazônica contribuem para que a floresta fique em pé e protegida, manejando seus recursos naturais e contribuindo positivamente para a conservação desse importante bioma.

Instituições como o MapBiomas e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) indicam que, apenas no Brasil, cerca de 20% da floresta já foi desmatada. Esse aumento causa preocupação, e a prática do desmatamento pode favorecer o surgimento e a reativação de epidemias de zoonoses.

Por isso, acreditamos que o desenvolvimento e financiamento de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento, em especial as de saúde pública, na região amazônica, seriam fundamentais para a garantia da dignidade e da autonomia de nossos povos e de todo o planeta.

Queremos discutir, em especial, a questão da mudança climática, já que nossa região é chave para a regulação do clima global. A evapotranspiração e os ventos alísios do norte arrastam nuvens carregadas de umidade que chegam até a bacia do Rio da Prata ao sul do continente. A chuva que garante a produção de alimentos em boa parte da América do Sul nasce aqui. E é bom lembrar que essa região é uma das maiores produtoras agrícolas do mundo, portanto, o impacto em sua produção supera suas fronteiras.

**O desmatamento e outros problemas ambientais, no entanto, já estão promovendo uma alteração significativa nos solos**

**A Amazônia é um dos maiores abrigos de biodiversidade do mundo, com alto grau de endemismo**



**amazônicos, o que se reflete em secas prolongadas e chuvas intensas em curtos períodos. A resiliência dos povos locais pode ajudar a reverter esse processo, com sua sabedoria e experiência.**

Nós, jovens amazônidas, assumimos o protagonismo das ações socioambientais pela Amazônia e queremos estimular outros que possam se tornar protagonistas nos cenários de conservação da biodiversidade, assim como na produção e distribuição de conteúdos e informações locais sobre ações de conservação e estratégias locais para fazer frente à mudança climática, tendo como foco dessas ações formativas o fortalecimento das culturas amazônicas.

Uma das consequências mais comentadas sobre a intensificação dessa crise é o surgimento dos "refugiados climáticos", pessoas que, em razão de eventos climáticos extremos, são forçadas a abandonar suas comunidades e a migrar para outras regiões. Em um contexto de recrudescimento global do nacionalismo e da xenofobia, o prenúncio de novas ondas de refugiados levanta preocupações e desperta polêmicas. De acordo com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Clima (UNFCCC), atualmente, o número de refugiados do clima é quatro vezes maior do que os refugiados vítimas de conflitos políticos e religiosos. Isso evidencia a urgência de enfrentarmos a mudança climática de forma coletiva em todo o mundo e a necessidade de efetivação de políticas públicas e ações mitigadoras para atendimento urgente dessa população

que vem sofrendo e sendo marginalizada ao ser obrigada a deixar seus territórios.

As cidades amazônicas também têm se tornado refúgio para populações que tentam escapar de áreas rurais com condições escassas para uma vida digna e afetadas pelas alterações climáticas. Nas ruas das grandes cidades amazônicas, juntam-se, aos migrantes da própria região, pessoas de diversas nacionalidades, que buscam sobrevivência diante das fragilidades existentes em seus países de origem. O problema da migração forçada deve ser tratado de maneira holística, solidária e levando em consideração os direitos humanos.

**Além de toda a  
biodiversidade, os  
povos tradicionais  
e guardiões  
da Floresta  
Amazônica  
contribuem para  
que a floresta  
fique em pé  
e protegida**



# Um olhar para a Amazônia urbana

**V**imos de florestas de várzeas, de igapós, de terras firmes. Vimos de campos, de mangues e, sim, também vimos de cidades. O olhar estrangeiro tende a ver a Amazônia como uma vasta floresta intacta; no entanto, a região é um mosaico de paisagens e realidades. É urgente reconhecer o processo histórico de urbanização na Amazônia, que se desenvolveu por meio de um modelo sedutor e colonial sobre ribeirinhos, camponeses, extrativistas, assentados e povos indígenas.

As cidades amazônicas se desenvolveram para atender aos interesses das atividades econômicas. Foram brotando na abertura das estradas, no garimpo, no ciclo relâmpago da borracha. O urbano nasce com a promessa ilusória de trazer melhores condições de vida aos que deixaram suas terras de origem e a melhoria de acesso a serviços como saúde e educação.

Quente e úmido, assim é caracterizado o clima tropical da região amazônica, mas o planejamento e a urbanização de nossas cidades, guiados pelos ideais modernistas e colonizadores, tinham como princípio apagar os traços ribeirinhos da região. Assim, foram substituídos materiais, como a madeira, por concreto e aço, reproduzindo o que se usava nos países europeus, mesmo com

urbana



clima totalmente distinto. Anos depois, no período moderno, ainda se deu a introdução do asfalto, trazendo assim o tão sonhado e dito desenvolvimento para a região.

Além desses materiais, o desenvolvimento na Amazônia também contou com a importação de modos de geração de energia, os combustíveis fósseis (petróleo), hidrelétricas e vapor. O que gerou e gera um enorme passivo ambiental e social, além de deixar de lado uma gama de modos de geração/produção de energia limpos e renováveis, com grande potencial na região, como a energia fotovoltaica e eólica. Esse é um debate que necessita voltar à tona para sua implementação.

Já é passada a hora de considerar um futuro para as cidades amazônicas sem olhar para fora, mas olhando para dentro, para nossas potencialidades energéticas, culturais, de relevo, clima e temperatura.

Outra maneira de diminuir a temperatura das nossas cidades é por meio do incentivo às áreas verdes urbanas. Queremos resgatar praças, parques, e desenvolver programas de arborização para as vias da cidade, incluindo ciclofaixas, incentivando mais ainda a utilização da bicicleta como meio de transporte e diminuindo a circulação de carros, que emitem grandes quantidades de gases e aumentam a temperatura urbana.

Mais um fator condicionante no clima amazônico são as chuvas. O relevo natural da região proporciona o escoamento dessas águas

**Já é passada  
a hora de  
considerar um  
futuro para  
as cidades  
amazônicas sem  
olhar para fora,  
mas olhando  
para dentro,  
para nossas  
potencialidades  
energéticas,  
culturais, de  
relevo, clima e  
temperatura**



até as várzeas, popularmente conhecidas como áreas de ressaca. Com a expansão urbana, algumas dessas áreas acabaram aterradas, causando alagamentos nas ruas da cidade; e outras, passaram a ser habitadas. Essas habitações precárias tornaram-se bolsões da pobreza. A maior parte dessas áreas não conta com acesso a saneamento básico, o que interfere no bem-estar de muitos, em especial de meninas e mulheres, prejudicando sua frequência escolar e o comparecimento ao trabalho para cuidar de si ou de parentes que estão doentes, o que mais tarde influencia na sua renda mensal.

**Assim, nós, jovens amazônidas, acreditamos que o respeito e a valorização da sociobiodiversidade devem se dar não apenas no sentido de proteção da floresta e seus povos, mas também na luta pelo bem viver nas inúmeras cidades amazônicas.**

# Promoção à saúde na Amazônia

**A**ritana Yawalapiti, Messias Kokama, Amado Menezes Filho, Paulinho Payakan. O que têm em comum?

Todos são lideranças indígenas que foram vítimas de uma doença que, neste momento, assola o mundo, a Covid-19, mas castiga em especial as desassistidas comunidades indígenas e ribeirinhas.

A saúde dos povos indígenas vem sendo um ponto crítico em algumas regiões da Amazônia. O isolamento de algumas áreas, em que imperam a demora e o baixo acesso ao atendimento, e a presença nefasta da mineração e do desmatamento ilegal são fatores que acabam por expor as populações que lá vivem às mais variadas doenças. A atenção primária à saúde nessas regiões encontra-se em situação crítica, e os governos em geral não veem dando prioridade na criação de novas estratégias para levar até elas atendimento médico e social. Com isso, as culturas dos povos ancestrais estão morrendo junto com seus líderes.

Para além dos nomes indígenas citados, quantas vidas são perdidas ao longo dos rios e igarapés aonde a assistência de saúde não chega? Quantos anciãos perdem suas vidas e levam consigo a cultura de





um povo? Quantos jovens são perdidos precocemente, até dentro das cidades, com os sistemas de saúde pública sucateados?

A região amazônica conta com um sistema de saúde fragilizado, não apenas pela falta de médicos em regiões mais afastadas das capitais, mas também pela falta de estrutura adequada (equipamentos, exames, medicamentos) para que profissionais possam atuar e dar aos pacientes todo o atendimento necessário para a sua recuperação. Uma saúde bem estruturada também depende de equipes multiprofissionais para um atendimento básico completo.

A implementação do internato rural para profissionais da área da saúde, além de medicina e enfermagem, com odontologia, fisioterapia e psicologia, é uma saída estratégica para essas regiões. Ele torna o atendimento às necessidades mais urgentes mais frequente dentro de comunidades e prepara o profissional dessas áreas para esse atendimento.

**Além do preparo dos profissionais, são necessárias a criação e implementação de políticas públicas específicas que entendam os desafios do deslocamento pela região e garantam assistência completa e em tempo integral. Incluir a medicina tradicional dos povos na formação dos profissionais é outra saída estratégica para a saúde da Amazônia,** tornando terapias acessíveis ao paciente, desmistificando esse conhecimento aos médicos e gerando respeito e empatia em relação à medicina sagrada dos povos.

A região amazônica conta com um sistema de saúde fragilizado, não apenas pela falta de médicos em regiões mais afastadas das capitais, mas também pela falta de estrutura adequada

## Estímulo à educação

**A** maior parte das pessoas não sabe como cultivar uma árvore, mas em poucos minutos é capaz de derrubá-la. À medida que os seres humanos alteram os ambientes naturais, também promovem uma mudança em sua natureza interna, desconectada da essência da vida. Devemos ressignificar nossa forma de viver e reconhecer a beleza na diversidade de seres vivos, culturas, povos e ecossistemas. Precisamos, para isso, de educação intelectual, relacional e ambiental. Enfim, educação em todas as suas dimensões.

A Carta da Terra\*, uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica, destaca a importância e a urgência de prover cada ser humano de educação e de recursos para assegurar uma condição de vida sustentável, seguridade social e segurança coletiva, garantindo autonomia e dignidade a todos.

Já o documento da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade, realizada em Tessalônica (Grécia), em 1997, chama a atenção para a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares,





o que aqui estamos chamando de defesa e valorização da sociobiodiversidade amazônica.

A educação é importante para a continuidade dos povos. É preciso educar as crianças para que tenham consciência ambiental e para que possam se envolver com a agricultura familiar e tradicional, tão cara ao sustento de sua comunidade.

Aos jovens, falta motivá-los sobre temas ambientais e valorização das múltiplas culturas da Amazônia. E, também, apresentar possibilidades e caminhos de autodesenvolvimento e desenvolvimento local e regional baseados no diálogo entre os diversos saberes ancestrais, o conhecimento científico, a compreensão política e o entendimento da linguagem legal e jurídica. Isso é oferecer educação em seu amplo aspecto, colocando para conversar caminhos educacionais formais e informais. É proporcionar autonomia a partir de opções e possibilidades educativas ao jovem amazônico, viabilizando novas perspectivas de vida, desenvolvimento e futuros.

**A educação ambiental como instrumento de formação cidadã está voltada a uma nova forma de relação entre os seres humanos e a natureza, devendo ocupar um lugar de igualdade junto às demais disciplinas e dialogar com estas.**

Nós, jovens amazônidas, lutamos por um olhar transversal sobre a educação. Quando voltada para a realidade local das populações, fomenta autonomia. O que vemos é que a educação que o Estado oferece tem como objetivo final formar empregados para um mercado escasso e competitivo. Lutamos por uma educação

**Pessoas da  
comunidade  
devem atuar  
como educadores  
em seus  
territórios**

técnica e local para o desenvolvimento local, mas que também fomente no educando a capacidade de refletir e ponderar sobre sua própria condição, ao ponto de desenvolver instrumentos e ferramentas próprias para construir futuros desejáveis.

Um ponto fundamental, ainda, é a formação de pessoas das próprias comunidades para que atuem como educadores em seus territórios e dentro de suas realidades. É importante que as experiências amazônicas estejam presentes no esforço de melhoria da educação. Conseguir capturar os conhecimentos das pessoas que vivem na Amazônia e transformá-lo em materiais didáticos, valorizando e reconhecendo a sabedoria presente na realidade local, é desejável e necessário para dialogar com a realidade dos territórios.

O extrativismo também precisa ser ensinado. O papel dos educadores, dos adultos, como transmissores de um conhecimento é essencial para impulsionar o compartilhamento de saberes nos quais o conhecimento científico e o empírico se complementam por meio do diálogo entre as gerações.

É fundamental a educação para proteger e conservar os saberes indígenas e dos povos tradicionais, como ferramenta para o trabalho com a terra a partir da agroecologia ou da agricultura ancestral dos povos da floresta e empoderar as comunidades em seu papel de preservar o território. É preciso valorizar o trabalho digno e, especialmente,



os saberes acumulados e existentes nos territórios. E esse é um papel da educação transformadora que desejamos para nós.

Reconhecemos, ainda, a educação como necessária para a prática democrática na sociedade, na gestão dos recursos naturais e na tomada de decisões para escolha de novos estilos de vida, consumo e construção de futuros possíveis, com igualdade de gênero, equidade social, respeito ao meio ambiente e aos povos tradicionais, ou seja, que valorize a sociobiodiversidade amazônica.

\* A redação da Carta da Terra foi feita por meio de um processo de consulta aberto e participativo, algo inédito em relação a um documento internacional. Começou a ser discutida em evento paralelo à ECO-92, no Rio de Janeiro, e foi publicada no ano 2000.

**Reconhecemos a  
educação como  
necessária  
para a prática  
democrática  
na sociedade,  
na gestão  
dos recursos  
naturais e  
na tomada de  
decisões para  
escolha de  
novos estilos de  
vida, consumo  
e construção  
de futuros  
possíveis**

# Respeito à Amazônia simbólica e suas diferentes cosmovisões

**N**ós, jovens amazônidas, que carregamos conosco nossas entidades sagradas e o sincretismo, pedimos licença para a floresta, reverenciamos os caboclos e as caboclas, respeitamos as encantarias e honramos nossos ancestrais.

Somos mistura e resistência de tudo aquilo que recebemos do meio em que vivemos e do meio que não chegamos a conhecer. Mesmo antes de os povos originários habitarem as florestas, essas já eram habitadas por espíritos que mantêm o equilíbrio no planeta e que nos lembram que tudo é vivo. Nosso planeta é um ser vivo! Por entenderem isso, os povos originários sempre coexistiram em harmonia com a natureza e sentiam o espírito vivo do planeta.

Agora, nós, jovens de múltiplas religiões, convocamos e emprestamos a voz do espírito da floresta para exigir que cuidemos da vida! E que esse seja o chamado transmitido para as próximas gerações.

**A diversidade de visões de mundo das pessoas da Amazônia é uma riqueza, assim**





**como a própria natureza, inestimável, e, por isso, com necessidade de reconhecimento, valorização e proteção.**

As relações materiais e simbólicas dos povos indígenas e comunidades tradicionais são o que os diferenciam do restante da sociedade e, por isso, são importantes para inspirar toda a humanidade nos caminhos mais sustentáveis e justos, por meio de valores coletivos e ligados ao território.

Essa diversidade presente nas diferentes etnias, grupos sociais extrativistas e pequenos agricultores é o que constituiu a Amazônia como ela é. Nossa luta é para que assim permaneça.

**A diversidade de visões de mundo das pessoas da Amazônia é uma riqueza, assim como a própria natureza**

# Planejamento da agenda Amazônia 2021 - 2030

**P**odemos ser a geração com a última oportunidade de reverter a curva de degradação ambiental que gera as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade. Por isso, nós, jovens da Amazônia, queremos que nossos aportes para as agendas internacionais sejam ouvidos.

**Entendemos que, sem a participação de quem vive na Amazônia e resiste às suas ameaças, as agendas globais podem resultar artificiais e pouco aplicáveis.**

Todas as instâncias governamentais e as organizações da sociedade civil devem se comprometer em integrar as discussões globais e as ações locais na Amazônia.

Necessitamos, ainda, desenvolver instrumentos de mobilização para que outros jovens participem mais ativamente da discussão das agendas globais e de sua aplicação nos territórios. Queremos inspirar jovens de outros territórios a agirem junto a nós.

**Temos a urgência por novas relações mais solidárias, empáticas e justas. Entendemos que a transformação tão necessária para o planeta é, antes de tudo, uma renovação dos seres humanos.** Estamos abertos a

Planejamento





cooperar, a aprender com o passado, a ousar um futuro diferente e a romper com os antigos paradigmas que já se provaram inválidos. É hora de nos levantarmos, nós, da Amazônia, que crescemos entre mundos ancestrais e modernos, protegidos pelas entidades da floresta e das águas e ameaçados pela ganância dos homens. Nossa perspectiva é única nas mesas globais de multilateralismo diplomático, por isso queremos falar e ser ouvidos nesses espaços.

**Sem a participação  
de quem vive na  
Amazônia e resiste  
às suas ameaças,  
as agendas globais  
podem resultar  
artificiais e pouco  
aplicáveis**

# Participação política

**N**ós, jovens amazônidas, exigimos espaços para participação efetiva em fóruns e conselhos nacionais, regionais e globais, dando a conhecer nossas propostas, defendendo, protegendo e promovendo a conservação da natureza. As Áreas Protegidas devem ser reconhecidas por possibilitar a participação social para a tomada de decisões nos territórios, a partir de seus conselhos e comitês de gestão. Essas instâncias de governança ambiental democrática devem incorporar a participação de jovens que, a partir de suas visões e experiências, com enfoque em gênero, etnicidade e intergeracionalidade, podem muito contribuir para a defesa dos territórios amazônicos.

**As ações locais que promovemos devem encontrar espaços de visibilidade em nível regional e global para inspirar mudanças significativas para melhorar a vida das pessoas, sem promover a degradação da natureza.**

Esses espaços devem ser horizontais, comuns e criativos para que a inclusão de todos os segmentos sociais aconteça efetivamente, com voz e voto para ação e participação, e antecedidos por medidas de educação (seminários, fóruns, cursos, oficinas) que permitam a capacitação e formação política dos jovens nos contextos amazônicos.





As lições que aprendemos, a partir das ações promovidas para enfrentar os problemas da Amazônia – a ausência de políticas públicas adequadas e pertinentes, a especulação econômica e as atividades produtivas não sustentáveis –, podem ser representativas das mudanças nas dinâmicas ambientais, políticas, sociais e culturais com efeitos regionais e globais. Essas soluções a serem criadas precisam considerar os diversos desafios que se apresentam na Amazônia e podem ser pensadas a partir da criatividade, organização, mobilização e atuação dos jovens amazônidas. Depois, se bem-sucedidas, replicadas, adaptadas e modificadas de acordo com as necessidades locais em qualquer região do mundo.

Sejam quais forem as soluções, os princípios relacionados aos direitos humanos devem ser garantidos, assim como previsto em acordos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e pelas legislações nacionais. O não cumprimento deve ser julgado e sancionado. Os estados que ratificaram os acordos supranacionais, que são obrigatórios para garantir a vida dos povos indígenas na Amazônia (como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT – sobre povos indígenas e tribais em estados independentes, e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas), devem impulsionar meios efetivos direcionados especificamente às comunidades indígenas e populações tradicionais, implementando sempre a consulta prévia, livre e informada.

## **Os princípios relacionados aos direitos humanos devem ser garantidos**

# Autodeterminação, autogoverno e autonomia dos povos sobre seus territórios

**O**s governos devem garantir o reconhecimento territorial das populações indígenas e comunidades tradicionais, a fim de promover o desenvolvimento pleno da vida a partir de uma visão própria de mundo.

As áreas protegidas já demarcadas como Terras Indígenas e aquelas onde estão estabelecidas comunidades tradicionais devem ter sua manutenção e conservação assegurada, e toda e qualquer discussão política sobre esses territórios deve contar com a participação dessas populações. Devemos garantir a vida dos defensores dos territórios amazônicos, pois são alvos históricos de violência por lutarem pela visibilidade e guarda desses locais.

É preciso haver o reconhecimento legal e da sociedade civil à autodeterminação dos povos indígenas e comunidades tradicionais, o que gera consequências positivas ao acesso a direitos e segurança de seus territórios. As organizações comunitárias capazes de tomar decisões locais devem ser fortalecidas, reconhecidas e terem suas decisões institucionalizadas.



Autogoverno



**A autonomia das comunidades tradicionais nas decisões sobre seus territórios deve ser garantida democraticamente pela consulta prévia, livre e informada, passando por coletivos, como sindicatos e associações, frente às políticas públicas e intervenções.**

Nós, jovens da Amazônia, reivindicamos a ratificação e implementação do Acordo de Escazú\*, por parte dos países que ainda não o fizeram, e a adequação jurídica das normativas nacionais dos que já o fizeram, porque o consideramos uma estratégia avançada de defesa das pessoas e dos territórios e que possui o potencial de inspirar outras regiões no mundo. Solicitamos aos governos nacionais, sociedade civil organizada e setor privado de todo o mundo que exijam que seus parceiros políticos e econômicos na América Latina e Caribe, e especificamente na Amazônia, ratifiquem o Acordo de Escazú como premissa para qualquer negociação internacional.

**Devemos garantir a vida dos defensores dos territórios amazônicos, pois são alvos históricos de violência por lutarem pela visibilidade e guarda desses locais**

\*Assinado por 15 países da América Latina e Caribe, firma um compromisso regional com a proteção do meio ambiente e a defesa dos direitos humanos.

# Legitimação e respeito aos saberes e modos de vida ancestrais e tradicionais

**E**m se tratando de Amazônia, não se pode desconsiderar as populações nativas que há milhares de anos vivem e produzem conhecimento dentro da floresta. As relações ancestrais dos povos indígenas com a mata e seus modos de vida têm muito o que nos ensinar atualmente. A começar pelo fato de que eles se enxergam como parte daquele lugar, com uma visão espiritual que associa cada ser e cada ambiente a um parente que desencarnou, criando uma relação harmoniosa com a floresta. Diferentemente da visão do homem branco, que olha para aquele local pensando nos recursos que pode lhe proporcionar, o olhar indígena sobre a floresta foi passado para outros povos que vivem ali, como extrativistas, ribeirinhos e quilombolas, o que lhes permitiu a sobrevivência no território.

Atualmente vemos que só podemos adiar o fim do mundo (trecho em alusão ao livro do indígena brasileiro Ailton Krenak) se repensarmos nossos modos de vida e a forma como tratamos a natureza. Vivemos uma condição de emergência climática e a Amazônia é uma das grandes soluções para lidarmos com as mudanças climáticas

respeito





globais. Nos idos dos anos 1980, o seringueiro e ambientalista amazônida Chico Mendes já nos alertava que o desmatamento da Amazônia traria consequências e afirmava categoricamente que é possível viver da floresta em pé. Mas, mesmo com toda evidência científica mostrando o atual colapso ambiental, o capital e o discurso do desenvolvimento seguem destruindo nossas florestas.

O processo colonizador, com os brancos impondo sua língua, religião e cultura, além de dizimar milhares de vidas, segue até hoje marginalizando e levando riscos a esses povos. Os missionários religiosos seguem desrespeitando a cosmologia dos povos tradicionais e invadindo suas terras em nome de uma religião imposta, um crime disfarçado de boa ação que segue ameaçando as vidas indígenas.

Nesse sentido, é importante reconhecer que as diferentes cosmologias indígenas são resultado do inter-relacionamento entre os grupos humanos e a natureza e foram desenvolvidas ao longo de milhares de anos (no caso da Colômbia, há registros de ocupação humana da floresta de pelo menos 9 mil anos). **Dessa forma, as tradições devem ser entendidas como uma acumulação de saberes que precisam de proteção, porque são chave para compreender a floresta de uma lógica diferente da ocidental, focada na exploração.**

Falar de tradições é agrupar uma série de diferentes expressões, principalmente culturais e sociais, que incluem os chamados

**As tradições  
devem ser  
entendidas como  
uma acumulação  
de saberes que  
precisam  
de proteção**

"mitos" (que têm de ser entendidos como lógicas alternativas de mundo, que não os associe a histórias fantasiosas ou folclore), as formas de organização interna do grupo étnico, festas e celebrações que aportam coesão, distribuição e apropriação do espaço, uso de plantas para seu próprio benefício, produção material de uma ampla diversidade de objetos e ferramentas, entre outros.

As tradições estão presentes em numerosos aspectos da vida das comunidades da Amazônia e, por isso, são tão significativas. Porém, é importante aceitar que a cultura não é estática. Pelo contrário, ela se transforma constantemente, razão pela qual não se pode esperar que as tradições sejam imutáveis.



# Reconhecimento de identidades coletivas e qualidade de vida e bem viver

**A** Pan-Amazônia é um território plural do ponto de vista humano, social e econômico. Também é desigual em relação ao acesso a oportunidades, saúde, educação, informação e reconhecimento. Os povos que vivem aqui, portadores de diversos saberes, não são reconhecidos como protagonistas pelo restante da sociedade e dos governos nacionais nas diversas tomadas de decisão sobre uso da terra, modelo econômico e necessidade de infraestrutura e implementação de políticas públicas. A nós, jovens do povo amazônica, não nos são reconhecidos facilmente – sem luta – nossos direitos.

Garantido pela Constituição de diversos países pan-amazônicos, o direito do bem viver é frequentemente desrespeitado. É ponto fundamental dos direitos humanos, e deve considerar as questões periféricas, comunitárias e interculturais, para que seja integralizador. Usamos nossa voz para mostrar que esse direito fundamental está sendo negligenciado pelas autoridades que deveriam nos representar.



**O reconhecimento e o respeito às identidades coletivas são um outro direito ao qual reivindicamos. Ainda é grande a desvalorização da diversidade de nossa cultura amazônida oriunda da grande mistura de povos.** Exigimos respeito ao nosso modo de vida e acreditamos que apenas a educação e a informação podem contribuir no processo de valorização dos diferentes modos de vida.

A luta LGBTQIA+ também é nossa e sua visibilidade também tem como base a educação para vencer o preconceito e a desinformação, que geram distanciamento de parte da sociedade a essa causa. A diversidade da Amazônia abarca as pessoas LGBTQIA+, que também estão expostas à violência, a exemplo do que acontece em outras regiões de nossos países.

Pessoas LGBTQIA+ vivem em diversos contextos de vulnerabilidade social por não serem aceitas em espaços de convívio – como escola, faculdade, hospitais, postos de saúde, empregos formais e até mesmo contexto familiar –, tendo que se submeter a situações humilhantes para tentar sobreviver em meio a uma sociedade que não preza por suas vidas ou, por vezes, torce pela extinção delas.

Pensando nisso, apontamos para a necessidade da criação de políticas públicas que pensem na proteção dessa comunidade, visando à promoção de direitos básicos como saúde, educação e segurança não apenas na Amazônia, mas em todo nosso país, para que possamos todos, todas e todes viver

**Exigimos  
respeito ao nosso  
modo de vida  
e acreditamos  
que apenas a  
educação e a  
informação  
podem contribuir  
no processo de  
valorização  
dos diferentes  
modos de vida**



em uma sociedade harmônica e saudável.

A exemplo da questão LGBTQIA+, também precisamos destacar a questão do gênero no que diz respeito à mulher. Crescemos, vivemos e ainda estamos nos desvencilhando do machismo presente na nossa sociedade. É cada vez mais noticiado o número de casos de feminicídio e agressão à mulher. Nós, jovens, precisamos atuar para mudar esse cenário, combater o machismo estrutural que tem se perpetuado ao longo de gerações.

Estamos dispostos a lutar por esses direitos para que a Amazônia seja um lugar de autonomia, bem-estar e conservação para que sejam plenas todas as formas de vida.

# COMO ESTE MANIFESTO FOI CRIADO

**O** Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta (JVAP) é uma iniciativa idealizada pela Rede de Jovens Líderes em Áreas Protegidas e Conservadas da América Latina e Caribe - ReLLAC-Jovens (<https://tinyurl.com/ReLLAC-J>) e apoiado por vários coletivos e organizações atuantes na Pan-Amazônia e pelo trabalho voluntário, colaborativo e autônomo de pessoas engajadas em um círculo de colaboração intergeracional.

O JVAP é resultado do processo de mobilização de jovens e coletivos iniciada em 2019 com a criação da ReLLAC-J no âmbito do III Congresso Latino-americano e Caribenho de Áreas Protegidas (Caplac) ocorrido em Lima, Peru. Logo após o congresso, os jovens fundadores da ReLLAC-J se reuniram novamente em Recife, Brasil, juntamente com outros jovens de muitos perfis de atuação e locais do Brasil para o IX Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social (Sapis) e IV Encontro Latino-Americano de Áreas Protegidas e Inclusão Social (Elapis).

Dentre esses jovens, havia representantes da Amazônia que evidenciaram as peculiaridades da região e, como consequência, a necessidade de esforços específicos de mobilização e defesa dos territórios, o que

levou à proposição, da primeira regionalização da ReLLAC-J. Para condensar essa iniciativa e reconhecendo a importância do ano de 2020 para a agenda ambiental global, tendo em vista a realização do Congresso Mundial de Conservação, a COP15 da Convenção sobre Diversidade Biológica e COP26 da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima e o desejo de incidir nesses espaços, criou-se o Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta (JVAP).

Para consolidar a regionalização amazônica da rede, identificou-se a necessidade de articular com organizações e criar laços com mais jovens atuantes na região amazônica com o intuito de criar sinergias, alinhamentos e a construção de uma agenda comum. Nesse sentido, iniciou-se a organização de um evento para maio de 2020 em Brasília, Brasil, a fim de ampliar a rede através da mobilização de juventudes atuantes em toda a Amazônia. Porém, com a propagação da Covid-19 pelo Brasil, o evento teve de ser cancelado. Refletindo o espírito resiliente e criativo dos jovens, todo o processo foi adaptado para ocorrer on-line.

Durante o período preparatório ao evento on-line foram realizados três encontros



de organizações e coletivos em que a ReLLAC-J/JVAP foi apresentada de maneira a reunir esforços para sua consolidação. As juventudes engajadas na iniciativa também realizaram um evento dentro da Cúpula Mundial da Juventude, organizada pela União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN), e contribuíram para a realização da Caravana Virtual CreAcción Amazônica Contra a Crise Climática organizada pela Assembleia Mundial pela Amazônia. De maneira a intercambiar experiências com iniciativas similares em todo o planeta, a ReLLAC-J/JVAP foi selecionada para o Paris Peace Forum, uma iniciativa dedicada a discutir questões de governança global e gerar cooperação pela busca de soluções. Durante essa fase de articulação e geração de laços entre jovens e seus coletivos e organizações, sentiu-se a necessidade de produzir um documento que alinhasse as diferentes perspectivas para temas cruciais elencados pelas juventudes da Amazônia.

Em janeiro de 2021, foram realizadas duas oficinas com 47 coletivos e organizações inscritas de juventudes atuantes na Pan-Amazônia. As oficinas tiveram 4 horas de duração cada uma e contaram com até 46 participantes concomitantes, incluindo a participação de 10 jovens, oriundos de outros lugares da América Latina, que tiveram o papel de contribuir com uma visão externa, mas solidária, aos desafios da Amazônia e que poderiam se tornar replicadores da iniciativa em seus próprios territórios. Houve uma certa variação na participação por motivos

relativos ao fuso horário, agendas ocupadas, pandemia, dificuldade de acesso à internet, entre outros. Nessas oficinas foram realizados diálogos, alinhamentos e intercâmbios de saberes sobre temas que dão conteúdo ao Manifesto JVAP. Após a realização das oficinas, Grupos de Trabalho organizados por temas continuaram se encontrando para concretizar suas contribuições ao documento.

O Manifesto JVAP alinha visões coletivas, constatações e proposições com o intuito de concretizar uma ferramenta robusta de incidência política das juventudes amazônicas e de orientar ações articuladas entre coletivos com diferentes missões, áreas de atuação e distribuição geográfica através de 14 tópicos levantados, discutidos e acordados a partir de amplo debate. Os conceitos de sociobiodiversidade, autonomia e dignidade foram escolhidos como chaves para as reivindicações das juventudes da Amazônia e, por isso, permeiam todo o Manifesto JVAP.

Além disso, obteve-se como resultados das oficinas o aprofundamento nas discussões sobre sociobiodiversidade e como esse conceito pode ser uma base estruturante para a incidência política internacional. O Manifesto JVAP busca ampliar a percepção quanto à transversalidade das lutas locais vivenciadas pelos jovens da Amazônia e das agendas que definem os caminhos de defesa da natureza e de seus povos a diferentes escalas. O Manifesto JVAP também busca conectar e articular ações promovidas por jovens de diferentes perfis

da Pan-Amazônia para seu fortalecimento mútuo através de processos de articulação e formação baseados na troca intergeracional, geográfica, de experiências e conhecimentos.

### **Conceitos fundamentais**

Os três conceitos que guiam os anseios do manifesto JVAP, são: a **sociobiodiversidade**, a **autonomia** e a **dignidade**. É a partir deste tripé que buscamos criar condições para a valorização do passado e de suas aprendizagens, o respeito à vida das pessoas e a natureza na realidade presente e a construção do futuro almejado para nossa região. Esses conceitos, apesar de distintos, são complementares entre si nas lutas vivenciadas pelos povos que habitam a Amazônia.

## **SOCIOBIODIVERSIDADE**

No decorrer das oficinas de construção do Manifesto JVAP, houve discussões acerca do conceito sociobiodiversidade: o que é, sua origem e potencialidades. A primeira coisa a saber sobre o termo é que ele já se faz presente no arcabouço jurídico-político brasileiro há alguns anos, tendo sido regulamentado pela Lei 13.123 de 2015. Essa lei dispõe sobre bens, direitos e obrigações vinculadas à riqueza da biodiversidade nacional articulada com a pluralidade sociocultural existente e visa a defesa de todo este abundante saber/conhecimento/patrimônio, no interesse

de formação de cadeias produtivas sustentáveis. Porém, em nossa perspectiva, o conceito de sociobiodiversidade vai muito além da formação de cadeias produtivas previstas na regulamentação brasileira.

Através da complexidade que a sociobiodiversidade salienta, evidenciando as possibilidades diversas de formas de relacionamento entre a sociedade e a biodiversidade estabelecidas pelos modos de vida, identificamos a potencialidade de incidência deste conceito para além das fronteiras brasileiras. O caleidoscópio de relações socioculturais com seu entorno, valoriza e reconhece a diversidade de povos em estrita relação com a natureza, não apenas na Amazônia, mas em todo o planeta. Esse conceito que evidencia os diferentes modos de vida, também inspira a possibilidade de construção de maneiras mais justas e sustentáveis de estar no mundo.

Assim, defendemos que somente através do reconhecimento da pluralidade sociocultural, em sua diversidade de formas de ser, sem que haja uma hierarquia sobre isso, é que poderemos construir uma sociedade justa, harmônica e ambientalmente saudável. A sociobiodiversidade pressupõe relações de materialidade e imaterialidade intrínsecas aos grupos humanos. E nesse sentido, a autonomia e a dignidade são mais que conceitos acessórios, são demandas reais de soberania, democracia e justiça intimamente relacionadas com a sociobiodiversidade.



## **PARA NÓS, O QUE SIGNIFICA SOCIOBIODIVERSIDADE**

*Citações diretas dos participantes das oficinas para a produção do Manifesto JVAP sobre Sociobiodiversidade*

**"Termo de referência ao bem viver, em harmonia e equilíbrio com o território, o bem viver"**

**"Esse conceito adiciona a diversidade social e cultural à discussões de forma integrada, e essa conexão favorece as discussões caminhando no sentido do desenvolvimento sustentável e bem-estar dos povos tradicionais"**

**"A natureza oferece tudo! Nossa comunidade é natureza"**

**"O conceito é reflexo da prática real da base, esse conceito serve para que o amazônida seja apoiado e legítimo na anticolonização"**

**"A Sociobiodiversidade pode servir de base de pensamento e articulação para os jovens pautarem a elaboração de políticas públicas"**

**"A Amazônia não cabe dentro dessa palavra, transborda"**

**"A juventude da Amazônia carrega em si o vínculo com o passado e o futuro do território. Resgatar e defender a cultura e a diversidade biológica é defender a nossa existência"**

# **OS COLETIVOS QUE PARTICIPARAM DA CONSTRUÇÃO DO MANIFESTO JOVENS VOZES DA AMAZÔNIA PARA O PLANETA**

1. Ame o Tucunduba
2. Ansa
3. Amazônia somos todos
4. Asociación de Jovenes indigenas y Colonos Amazonicos del Megantoni
5. Associação Cultural Devotos de São José - Batuque e Marabaixo da Juventude
6. Barranquilla+20
7. Cealdes - regional amazonas
8. Climalab
9. Coiab
10. Conselho indígena de Roraima
11. Colectivo Ciudadano Amazonia Somos Todos
12. Coletivo de monitores da biodiversidade do Projeto MPB/IPÊ
13. Coletivo de Vigilância Popular em Saúde - Edvard Cardeal
14. Coletivos Jovens de Meio Ambiente Pará
15. Comissão Pró-Índio do Acre
16. Comitê Chico Mendes
17. Comunidade Quilombola Torrão do Matapi - AP
18. Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS)
19. Engajamundo
20. Estilo country (Protagonismo juvenil Icatu)
21. Geógrafos.pe
22. Grupo Ambientalista Nueva Amazonia (Gana)
23. Grupo de Investigaciones sobre la Amazonia (Griam)
24. Grupo de Trabajo Socioambiental de la Amazonia Wataniba
25. GT da Juventude Protocolo Comunitário do Beira Amazonas
26. Instituto Mapinguari
27. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá JISC
28. Jovens protagonistas (Flona Tefé)
29. Jovens protagonistas (Médio Juruá)
30. Jovens protagonistas da Resex Chico Mendes
31. Levante Popular da Juventude
32. Jovens protagonistas na sustentabilidade Resex Baía do Tubarão
33. Juventud Actividad
34. Meli Bees Network gUG
35. Movimento Juventude de Terreiro
36. Movimento Juventude de Terreiro Amapá
37. Red Nacional del Agua de Colombia
38. Rede de Juventude Indígena do Rio Negro (Rejuirn)
39. Rede de Sementes do Xingu
40. Rede Wayuri de Comunicação Indígena do Rio Negro
41. Rejuma
42. Ripo Cusco Perú
43. Sociedad Científica de Estudiantes dela Carrera de Biología
44. SOS Amazônia
45. UJS Amapá
46. União Folclórica de Igarapé do Lago (Ufil)
47. Utopia Negra Amapaense



## Organizações e coletivos vinculados

(Atualizado em 3 de novembro de 2021)



Asociación Centro de Alternativas al Desarrollo



Coletivo de Vigilância Popular em Saúde  
Edvard Dantas Cardeal

# **EXPEDIENTE**

**Esta iniciativa foi realizada pelo ReLLAC-J e contou com o apoio do WWF-Brasil.**

A **Rede de Jovens Líderes em Áreas Protegidas e Conservadas da América Latina e Caribe – ReLLAC-J** é uma aliança de jovens, jovens profissionais, organizações e redes da América Latina e do Caribe, que estão convictos de que somos nós os chamados a transformar nossas Áreas Protegidas e Conservadas (APC), a partir de nossas lideranças e visões inovadoras, mudando paradigmas e influenciando a tomada de decisões em todos os níveis. A ReLLAC-J busca possibilitar a conexão de jovens líderes e redes juvenis atuantes pelas APC, construindo espaços onde suas ações, desafios e necessidades sejam compartilhados, a fim de promover a reflexão crítica e a comunicação transparente que incentive a gestão participativa. Com a finalidade de adequar suas ações aos contextos específicos da região, a ReLLAC-J conta em sua estrutura de governança com os Grupos Regionais. A Pan-Amazônia é o primeiro Grupo Regional da ReLLAC-J, fruto do reconhecimento das peculiaridades deste contexto e da consequente necessidade de ações específicas. A iniciativa "Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta" é uma iniciativa que surge dessa regionalização e hoje conta com dezenas de voluntários e organizações parceiras. Este manifesto é fruto do trabalho de todas essas pessoas que se dedicaram à ReLLAC-J, a seu Grupo Regional da Pan-Amazônia e à iniciativa Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta.

## **REALIZAÇÃO**

ReLLAC-Jovens

## **REVISÃO**

Angélica Mendes  
**Analista de Engajamento – WWF-Brasil**

Ricardo Mello  
**Gestor do WWF-Amazônia**

## **EDITORAÇÃO**

Bem Comunicar

## **PROJETO GRÁFICO**

Laboota

## **FOTOS**

Shutterstock

## **ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Carol Vásquez Restrepo



RED DE JÓVENES LÍDERES EN  
ÁREAS PROTEGIDAS Y CONSERVADAS  
DE LATINOAMÉRICA Y EL CARIBE

Apoio







RED DE JÓVENES LÍDERES EN  
ÁREAS PROTEGIDAS Y CONSERVADAS  
DE LATINOAMÉRICA Y EL CARIBE

Apoio

